

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO ARTES E DESIGN – FAMECOS

CURSO DE JORNALISMO

ISABELA PIZZI PENTEADO DE TOLEDO

**JORNALISMO EM TEMPO REAL: A COBERTURA DO MASSACRE DE SUZANO
NO JORNAL HOJE**

PORTO ALEGRE

2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ISABELA PIZZI PENTEADO DE TOLEDO

**JORNALISMO EM TEMPO REAL: A COBERTURA DO MASSACRE DE SUZANO
NO JORNAL HOJE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Fábio Canatta de Souza

Porto Alegre

2019

ISABELA PIZZI PENTEADO DE TOLEDO

**JORNALISMO EM TEMPO REAL: A COBERTURA DO MASSACRE DE SUZANO
NO JORNAL HOJE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicação,
Artes e Design - Famecos da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Me. Fábio Canatta de Souza

Prof. Me. Fabian Chelkanoff Thier

Prof. Me. Silvio Nestor Barbizan

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer aos meus pais Ana Lúcia Pizzi e Marcelo Penteado de Toledo, pela paciência ao longo dessa caminhada e por sempre acreditarem em mim e no meu trabalho. Ao meu avô materno Roberto Pizzi, o meu maior exemplo de escritor dedicado e poeta inigualável que, ao longo dos anos, doou-se para me contar histórias e foi o principal responsável pelo meu gosto pela leitura.

Ao meu irmão Bernardo Pizzi Penteado de Toledo que, além de ter compartilhado a vida toda ao meu lado, abaixou o volume do som quando eu parecia estar prestes a surtar.

À minha querida avó materna, Ana Maria Frittoli, por nunca medir esforços para me ajudar e ter orgulho da mulher que eu me tornei.

Aos meus amigos sejam eles do colégio, da faculdade ou da vida, que sempre me apoiaram nas minhas decisões, viram o meu empenho para chegar onde estou e arrancaram-me sorrisos mesmo quando eu parecia estar perdida. Em especial a Lucas Barth, Giulia Vidal e Raquel Zandomenighi por terem lido e relido este trabalho diversas vezes, além de Marina Müller, Bianca Gross, Levi Pires, Mariana Cunha, Isabela Paese e Anna Flávia De Luca por me ajudarem neste caminho conturbado que foi conciliar esta monografia com outras atividades.

Por último, porém totalmente fundamental para a conclusão desta pesquisa, agradeço ao meu orientador Fábio Canatta que soube me ouvir e sempre tentou me acalmar nos (muitos) momentos de desespero que eu tive ao longo dessa caminhada.

A todos o meu muito obrigada!

“Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa da vida. É só como história contada que podemos existir”. (Eliane Brum)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a cobertura especial do massacre de Suzano feita pelo Jornal Hoje. Para isso, o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011) é utilizado. No segundo capítulo abordam-se temas referentes à história da televisão e do telejornalismo no Brasil, assim como a linguagem do telejornalismo, os desafios de produzir um programa telejornalístico ao vivo e o poder da imagem na televisão. O terceiro capítulo é destinado a explorar a ética em conjunto ao jornalismo e a segurança pública, além de expor as características da mídia em conjunto aos direitos humanos e o sensacionalismo. No quarto capítulo é feita a análise concreta da edição especial do telejornal. A história do Jornal Hoje é contada brevemente, bem como são mencionadas algumas coberturas especiais feitas pelo programa ao longo dos anos, a fim de estruturar uma linha cronológica de edições especiais do telejornal em questão. Por fim, realiza-se a análise de 4 categorias: entrevista, imagem, formato e linguagem, e a descrição dos seus conteúdos responde o problema de pesquisa desta monografia.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo brasileiro. Massacre. Cobertura especial. Ao vivo.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the special coverage of the Suzano massacre made by Jornal Hoje. For this, Laurence Bardin (2011) content analysis method is used. The second chapter deals with themes related to the history of television and television news in Brazil, as well as the language of television news and the challenges of producing a live television news program. The third chapter is intended to explore ethics together with journalism and public safety, and expose the characteristics of the media together with human rights and sensationalism. In the fourth chapter the concrete analysis of the special edition of the newscast is made. The story of Jornal Hoje is briefly told, as well as some special coverage made by the program over the years, in order to structure a timeline of special editions of the newscast in question. Finally, four categories are analyzed: interview, image, format and language, and the description of its contents answers the research problem of this monograph.

KEY WORDS

Television News. Massacre. Special Coverage. Live television.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO NO BRASIL	10
3 A ÉTICA E O JORNALISMO	21
3.1 SEGURANÇA PÚBLICA E JORNALISMO	23
3.2 MÍDIA E DIREITOS HUMANOS	26
3.3 SENSACIONALISMO	28
4 JORNAL HOJE	29
4.1 COBERTURAS ESPECIAIS DO JORNAL HOJE AO LONGO DOS ANOS	32
4.1.1 ROCK IN RIO	33
4.1.2 MORTE DE TANCREDO NEVES	34
4.1.3 ACIDENTE COM O FOKKER 100 DA TAM	35
4.1.4 ATENTADOS DO 11 DE SETEMBRO	36
4.2 METODOLOGIA	37
4.3 A COBERTURA DA TRAGÉDIA DE SUZANO PELA REDE GLOBO	39
4.4. A COBERTURA DO JORNAL HOJE	41
4.4.1. Entrevistas	42
4.4.2 Imagens	47
4.4.2.1 Aparições dos jornalistas ao longo da transmissão	48
4.4.2.2 Vídeos	49
4.4.3 Formato	50
4.4.4 Linguagem	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

No dia 13 de março de 2019, por volta das 9 horas e 30 minutos da manhã, aconteceu o massacre de Suzano. Um ataque elaborado por dois jovens, de 17 e 25 anos, que resultou na morte de 10 pessoas, contando com eles, na Escola Estadual Raul Brasil no município de Suzano, em São Paulo.

A tragédia recebeu uma cobertura especial do programa Jornal Hoje, veiculado na Rede Globo, no início da tarde, que triplicou o tempo de sua duração. O telejornal normalmente dura em torno de 50 minutos, entretanto, no dia do massacre atingiu o tempo de 2 horas, 49 minutos e 50 segundos. Além disso, o programa foi feito totalmente em tempo real e majoritariamente ao vivo, com 4 repórteres no local do massacre e mais de 5 nos arredores do município de Suzano.

Com a curiosidade acerca do modo como os jornalistas se comportam ao transmitir notícias trágicas, ou seja, delicadas e além do gosto pelo telejornalismo, a autora resolveu escolher esta edição pelas nuances e particularidades que notou ao observá-la no dia do ocorrido.

O objetivo desta monografia encontra-se em entender como os recursos jornalísticos foram utilizados no telejornal, sendo eles: entrevista, formato, linguagem e imagem, e como participaram da construção do programa. Buscou-se entender, também, como estes elementos foram tratados ao longo da transmissão.

Para cumprir os tais objetivos, primeiramente se fez uma leitura flutuante, a fim de observar e estabelecer contato com a edição especial do telejornal em questão e compor as ideias iniciais da pesquisa. Em uma segunda parte, realizou-se a aplicação sistemática das resoluções da fase anterior e efetivou-se uma categorização de elementos, a partir do método quanti-qualitativo, que foram vistos como significativos para o cumprimento do objetivo. Por último, interpretou-se os dados obtidos pela etapa anterior e concluiu-se o trabalho.

Por consequência a monografia está dividida em cinco capítulos, sendo este o primeiro deles. Os dois seguintes capítulos expõem teorias e perspectivas que servem como base para que no último capítulo a edição em questão do telejornal seja analisada. Além de que, para a delimitação deste estudo, foram selecionados trechos da edição que a autora considerou relevantes para o objeto da pesquisa.

O segundo capítulo busca explorar a televisão e o telejornalismo no Brasil, país em que ocorreu o ataque de Suzano, assim como destacou-se a linguagem deste gênero televisivo e a sua temporalidade. No fim deste capítulo, buscou-se informar os desafios do jornalismo em transmissões ao vivo, pelo fato da edição analisada ter sido majoritariamente feita deste modo e, por fim, destacou-se a influência da imagem nos telejornais. Esta parte do trabalho organizou-se através de autores como Benedito Moraes (2006), Umberto Eco (1984), Vera Íris Paternostro (2006) e Carlos Eduardo Franciscato (2003), entre outros.

No seguinte capítulo, a ética relacionada ao jornalismo foi observada e detalhada para que servisse de auxílio para o andamento da pesquisa. Além deste tópico, o artigo de Jorge Ijuim (2014) sobre a humanização e a desumanização do jornalismo viabilizou a narrativa sobre a Mídia e os Direitos Humanos. Não obstante, abordou-se também o sensacionalismo, considerado um tópico importante, segundo a autora, para o melhor entendimento desta monografia. Na última etapa deste capítulo articulou-se sobre a segurança pública e a sua relação com o jornalismo. Esta última etapa teórica do trabalho possibilitou-se graças a autores como Francisco Karam (1997), Ricardo Bedendo (2013), Rogério Christofolletti (2008), Danilo Sobrinho (2013), entre outros.

Finalmente, no último capítulo deste trabalho, a autora analisou as peculiaridades do telejornal em questão, por ter sido transmitido totalmente em tempo real e, na sua maior parte, ao vivo, de forma categorizada, utilizando o método de análise de conteúdo, constituído por Laurence Bardin (2011). Foi feita uma análise quanti-qualitativa e alguns trechos relevantes da transmissão do telejornal foram pautados pela autora neste capítulo. O *corpus* da pesquisa delimitou-se a partir de categorias criadas para um entendimento mais profundo e esclarecido com relação ao objeto de pesquisa. Neste capítulo de análise, além de Laurence Bardin (2011), Guilherme Rezende (2000) também auxiliou para o entendimento de alguns conceitos.

2 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO NO BRASIL

Desde o início do telejornalismo no Brasil, a partir do ano de 1950, com a inauguração da primeira emissora de televisão da América Latina, a TV Tupi, em São Paulo, a mídia televisiva transformou e marcou historicamente o jornalismo brasileiro.

O programa “Tv na Taba”, apresentado por Homero Silva, foi ao ar no dia 18 de setembro desse mesmo ano. Um dia depois deste acontecimento, era inaugurado o primeiro telejornal, chamado “Imagem do Dia”, apresentado pelo radialista Ribeiro Filho, que foi ao ar pela emissora no dia 19 de setembro de 1950, iniciando de fato, o telejornalismo brasileiro. Tendo isso em vista, é importante ressaltar que a televisão apresenta uma programação na qual o telejornalismo sempre teve destaque.

Desde o começo das transmissões e desde o primeiro programa telejornalístico feito totalmente no Brasil, o público era informado através de transmissões ao vivo, traço muito significativo para a história da televisão, como cita Machado:

A transmissão *ao vivo* talvez seja, dentre todas as possibilidades de televisão, aquela que marca mais profundamente a experiência deste meio. A televisão nasceu ao vivo, desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que ainda operava ao vivo e esse continua sendo o traço mais importante dentro do universo audiovisual. (MACHADO, 2014, p. 125)

Neste período, no Brasil não havia profissionais capacitados para realizar uma transmissão televisiva, pois somente o rádio existia na época, como transmissor oral de notícias. Portanto, Assis Chateaubriand¹ capacitou radialistas para que pudessem também operar a emissora de televisão, como comenta Moraes:

Nas três horas de programação diária, havia filmes, espetáculos de auditório e noticiário, sempre com a programação em tempo real. Para que isso fosse possível, as emissoras utilizavam a experiência dos profissionais de rádio acostumados a uma narrativa constante. Em caso de necessidade, falavam de improviso. (MORAES, 2006, p.31).

O primeiro telejornal brasileiro foi elaborado de forma precária. Os estúdios eram pequenos e os equipamentos escassos. Além disso, como dito anteriormente,

¹Assis Chateaubriand foi o fundador da primeira estação televisiva no Brasil

os apresentadores eram radialistas que Assis “treinou” para que falassem na televisão, então não havia ainda uma linguagem televisiva própria. Ademais, essa linguagem demoraria, pelo menos, duas décadas para se constituir no cotidiano da população brasileira. Segundo Marcondes Filho (1998, p.43) “no começo da televisão brasileira, no início dos anos 50, o que se fazia era um rádio televisionado, pois a TV ainda não havia conquistado a sua linguagem”.

As transmissões eram feitas entre as cinco da tarde e as dez da noite, nos primeiros anos de televisão, pois era preciso muito tempo para preparar cada programa que iria ao ar no dia seguinte, sempre ao vivo. Além disso, o “Imagens do Dia”, segundo Silva (2011), trazia imagens de filmes produzidos por cinegrafistas, que tinham experiência cinematográfica, o que explica porque a linguagem do cinejornalismo também contribuiu para a linguagem jornalística de TV, de forma efetiva.

Já nos anos seguintes ao começo da televisão no Brasil, início dos anos 1960, ainda não existiam redatores e profissionais com características televisivas próprias. Os telejornais acreditavam no poder do locutor, já que não havia uma redação própria, tampouco recursos de câmeras avançados nos estúdios. Neste período mais adiante da história da televisão no Brasil, é possível demarcar a importância das notícias em tempo real, como cita Moraes:

[...] neste período, a apresentação das notícias em tempo real eleva a credibilidade dos telejornais e a população tem, nesses programas, uma forma de obter conhecimento e informação sobre o que acontecia em todo o território nacional, uma forma de união dos brasileiros, de Norte a Sul, contribuindo, portanto, para a politização e a discussão dos aspectos referentes à sociedade. (MORAES, 2006, p. 32)

Infelizmente, muitos dos registros dos primeiros telejornais e primeiras transmissões da televisão brasileira foram perdidos, fato este devido à falta de tecnologia para gravações daquela era. Somente em abril de 1960, uma década depois do surgimento da televisão no Brasil, foi exibido o primeiro programa de TV gravado em Vídeotape, uma grande tecnologia para a época.

Dos anos 60 até os dias atuais, podemos afirmar que existe uma grande diferença também na questão da linguagem televisiva. Além disso, desde sempre, existe uma constante busca pela modernização, em todos os aspectos midiáticos. Os veículos de comunicação buscam aprimorar as suas técnicas de acordo com o

avanço de novas plataformas e formas de fazer jornalismo. Apesar disso, segundo Machado:

A televisão continua oral, como nos primórdios de sua história, e a parte mais expressiva de sua programação segue dependendo basicamente de uma maior ou menor eloquência no manejo da palavra oralizada, seja da parte de um apresentador, de um debatedor, de um entrevistado, ou de qualquer outro. (MACHADO, 2014, p. 72)

Desde o seu surgimento, a televisão é uma grande fonte de conhecimento para a população brasileira, um dos mais fortes meios de comunicação de massa no país. Por se tornar acessível a todos os tipos de públicos, influenciou e ainda influencia muito o povo brasileiro. De acordo com a última pesquisa² feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, das 69,3 milhões de residências do Brasil, 97,2% possui pelo menos um aparelho de televisão. Segundo Hagen:

Nos últimos anos, a televisão vem se firmando como principal meio de comunicação massiva na sociedade. [...] cada vez mais ela define não só o que deve ser visto como informação, mas ela própria adquire o status de informação [...] (HAGEN, 2008, p. 29).

Tendo em vista este número, é inegável a importância da mídia televisiva, visto que os televisores se tornaram parte integral das residências do país há décadas. Segundo Eco (1984) a televisão era um meio de comunicação que funcionava como uma janela do mundo no interior dos lares e que falava uma linguagem, a audiovisual, acessível à maioria das pessoas. Entretanto, a maneira como os indivíduos consomem a televisão mudou. Nos últimos dez anos, por exemplo, o tempo médio que o brasileiro consome televisão aumentou 12%, segundo uma pesquisa de dados da Kantar IBOPE Media³, no ano de 2018.

Mas, apesar disso, a televisão e os programas televisivos continuam exercendo centralidade na mídia contemporânea, pois são elementos indispensáveis de informação e conhecimento nas democracias no mundo todo. (BECKER, 2014). E, além disso, segundo Machado:

² Fonte: Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil> Acesso em: 20 ago. 2019.

³ Tempo médio de consumo de TV nos domicílios brasileiros aumentou 12%. Fonte: Portal Correio. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/tempo-consumo-tv-aumentou/> Acesso em: 30 ago. 2019

A televisão não se resume a uma única emissão: ela consiste num fluxo ininterrupto de imagens e sons, que progride diariamente diante dos nossos olhos e ouvidos, perfazendo, portanto, um *processo*, ao longo do qual o espectador *pode* formar uma opinião. (MACHADO, 2000, p. 129)

É quase impossível negar que a mídia televisiva tem um papel importante no telejornalismo brasileiro, tendo em vista todas as exemplificações dadas ao longo deste subcapítulo. Assim sendo, deve-se

2.1 A LINGUAGEM, A TEMPORALIDADE E A IMAGEM

A linguagem, a temporalidade e a imagem são tópicos extremamente relevantes quando se diz respeito ao telejornalismo como gênero televisivo. Existem vários tópicos e características acerca de como a linguagem televisiva comporta-se desde o início da existência dos telejornais. Além do mais, cada veículo jornalístico tem o seu código para abordar determinados assuntos, como cita Bedendo:

Quando falamos em linguagem do jornalismo, nos referimos a diversos eixos: primeiro o conhecimento dos recursos de linguagem do meio de comunicação para o qual atua; depois a compreensão clara sobre a linguagem a ser adotada em acordo com a linha editorial da instituição jornalística e, conseqüentemente, com o público receptor da informação (BEDENDO, 2013, p. 1999)

O predomínio da imagem na televisão é uma característica própria desse meio, é o que a diferencia, por exemplo, do rádio, que também é habilitado a funcionar de forma imediata.

Já, Franciscato (2003) sugere, em sua obra, cinco categorias com o propósito de instrumentalizar uma definição sobre a temporalidade no jornalismo. Elencaram-se duas dessas categorias vistas como importantes para o presente trabalho, sendo elas:

Imediatismo: quando a televisão mostra a situação atualizada na mesma hora em que ocorreu e, auxiliada pelos recursos de novas tecnologias faz com que a informação consiga chegar através da imagem imediatamente. Para agregar sentido a este conceito, Franciscato acrescenta:

O sentido predominante de instantaneidade que as experiências do jornalismo têm desenvolvido refere-se a uma desejada ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e a sua

transmissão e recepção por um público. Em uma perspectiva histórica, é mais adequado falar não de uma conquista imediata deste sentido do instantâneo, mas de uma evolução gradativa na velocidade tanto da transmissão e distribuição da notícia quanto nos modos de sua produção. Velocidade e aceleração são, então, duas variáveis temporais que se desdobram dos modos de introduzir e operar inovações técnicas na sociedade e, mais estreitamente, no jornalismo. (FRANCISCATO, 2003, p. 149)

Alcance televisivo: tendo em vista que a televisão é um veículo globalizante, de grande alcance, não faz separação de classe social ou econômica, atinge a todos e faz com que cada um tenha a sua própria visão acerca do que se é transmitido através deste veículo, segundo Carmo:

A TV é considerada, por alguns dos estudiosos, como um instrumento poderoso de modelagem das consciências, por meio de apelos que vão muito além do plano racional. De certa forma, é concebida, nessa perspectiva, como possuidora daquele que a vê, de um modo constante, implacável, mantendo-o fiel através da reiteração de promessas nunca cumpridas: de felicidade, de riqueza, de sucesso. Considera-se o telespectador como um ser passivo, que passivamente incorpora os valores e crenças inculcados e reforçados pela autoridade. (CARMO, 1998, p. 65)

E para concluir, o envolvimento que a televisão exerce nos telespectadores é fazendo com que se sintam tocados pelas histórias que transmite. (PATERNOSTRO, 2006). Além destes tópicos, segundo Paternostro (2006), o jornalista que escreve a sua notícia é totalmente responsável pela mensagem que vai atingir os indivíduos. Por isso é fundamental que exista uma verificação dos fatos e um cuidado com o que é colocado no ar.

Ademais, dos pontos sobre algumas particularidades do telejornalismo, precisamos salientar a importância de algumas ferramentas úteis para um bom texto jornalístico na televisão. Segundo Paternostro (2006), devemos cuidar a ambiguidade textual no ambiente televisivo, pois palavras com ambivalência podem atrapalhar o telespectador. Também devemos nos ater ao fato de que, no ambiente televisivo, a repetição de palavras, feitas pelos jornalistas, é uma estratégia significativa utilizada para esclarecer o fato ocorrido, como comenta Paternostro:

A repetição de palavras, ideias ou nomes é importante no texto de TV para acentuar a retenção e dar clareza à notícia, principalmente porque o telespectador não tem a oportunidade de recorrer

novamente ao texto e pode ficar em dúvida quanto à informação. (PATERNOSTRO, 2006, p. 151)

Como instrumento que se considera fundamental para a compreensão deste trabalho está o tratamento com nomes próprios. Ainda segundo Paternostro (2006) a naturalidade com que a notícia é recebida pelo telespectador é o que importa. Ou seja, quando os nomes de vítimas, por exemplo, de uma tragédia são mencionados, os profissionais devem ater-se a naturalidade na sua locução.

Com relação à imagem do telejornal, Fahle (2006) esboça uma definição de imagem, como sendo:

(...) uma formação visual emoldurada e composta; ela tem um lugar histórico e medial determinável; é um documento e uma representação; pode ser determinada por conceitos de espaço e tempo; é uma condensação do visível; emerge a uma correlação estreita com o dizível (FAHLE, 2006, p.197).

Em alguns momentos a imagem pode levar vantagem sobre a linguagem, por ser universalmente compreensível, por exemplo. Entretanto, o maior objetivo do telejornalismo é “casar” esses dois, pois “separados”, neste tipo de meio de comunicação, perdem a sua função (PATERNOSTRO, 2006).

Entretanto, segundo Machado (2000), a televisão é um veículo pouquíssimo “visual” e a utilização que faz das imagens é rústico. Tendo o seu nascimento posterior ao rádio, a sua base é o discurso oral.

2.2 DESAFIOS DO JORNALISMO EM TRANSMISSÕES AO VIVO

Primeiramente, é importante ressaltar o significado e, por conseguinte, a diferença de duas expressões jornalísticas “gravação ao vivo” e “transmissão direta”. A primeira, baseada em Motta e Rublescki (2013, apud Fachine 2008; Cavenaghi e Emerin 2012, p. 3) “é aquela em que a exibição dos acontecimentos é ao vivo, sem cortes e em tempo real, ou seja, simultaneamente à ocorrência do fato”. Já a segunda, que pode ser chamada, também, de gravado direto, ainda segundo Motta e Rublescki (2013 p. 3) “refere-se a um tipo de procedimento de registro e que pode ou não ser editado, mas mantém a sintaxe de uma exibição simultânea a ocorrência do acontecimento registrado”.

Ademais, vale ressaltar também a diferença dos termos “tempo real” e “tempo atual”. O primeiro diz respeito às situações na qual o repórter está falando ao vivo, mas acerca de situações que ocorreram no passado. Já o segundo termo corresponde aos momentos que estão ocorrendo no exato instante da transmissão. (MOTTA, RUBLESCKI, 2013). Tendo isso em vista, é importante destacar que o mais comum de um programa de telejornal é a divulgação de notícias que já ocorreram e que são transmitidas somente na hora do programa, como cita Fechine:

Como a maioria dos fatos noticiados por um telejornal não ocorre enquanto o programa está no ar, a transmissão direta passa a ser parte as estratégias que visam simular uma proximidade temporal entre a sua ocorrência e a sua transmissão pelo telejornal. A configuração de tempo atual está associada a essas situações nas quais um repórter entre “ao vivo” para falar de algo que ele próprio situa em um momento anterior (passado) em relação ao presente do telejornal e, conseqüentemente, não concomitante com o agora de sua transmissão (FECHINE, 2006, p. 2)

Então, isto quer dizer que, em momentos de normalidade o “tempo atual” é o mais utilizado nas entradas ao vivo. Entretanto, quando há situações de tragédia, os telejornais costumam seguir outro rumo. Tendo isso em vista, vale ressaltar o que se entende por tragédia para a melhor compreensão deste trabalho. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa (2019), o termo “tragédia” significa o episódio ou evento danoso que provoca piedade ou terror, uma ocorrência catastrófica, uma situação de desgraça. Segundo Motta e Rublescki (2013), a interpretação da palavra tragédia aborda, geralmente, um crime passional ou um evento com um grande número de vítimas. Além disso, tendo como aspecto o modelo de telejornalismo em “tempo real”, que opera, segundo Franciscato (2003), junto com dois elementos, sendo eles a instantaneidade e a simultaneidade, o jornalismo desempenha certa influência. Tendo isso em vista, é útil delimitar especificidades da produção jornalística em tempo real e enfatizar, além destas características temporais, citadas acima, outros aspectos da dimensão temporal do jornalismo (contemporaneidade jornalística), sendo eles periodicidade, novidade e revelação pública. Além de ser importante explicar como eles se manifestam e se estabelecem (FRANCISCATO, 2003).

Além disso tudo, a dificuldade de fazer um “ao vivo” pressupõe diversos obstáculos. No momento em que a câmera é ligada e o repórter está pronto para

redigir a notícia, tudo o que é dito precisa ter sido antes apurado ao máximo, mas às vezes torna-se difícil apurar os fatos, em momentos de tragédia, por exemplo, pois o tempo é curto para que o repórter consiga obter todas as informações e depois, transmiti-las para o público, além de que, se o evento acabou de ocorrer é difícil que as fontes oficiais tenham alguma notícia concreta para dar, tornando as informações que são passadas aos jornalistas muito rasas. No tipo de situação em que existe uma cobertura acerca de uma tragédia, ainda segundo Motta e Rublescki (2013, p. 5) “a cobertura inicial é em tempo real, com transmissões ao vivo do acontecimento no exato momento em que ele se desenvolve”. Além de que, segundo os autores:

A necessidade de informar, cada vez mais rápido, não permite que o repórter espere o ambiente ser “normalizado” e nem que as autoridades terminem o seu trabalho e tenham tempo para explicar os fatos. Cabe ao repórter achar meios que possibilitem a ele próprio e aos telespectadores entenderem, pelo menos em parte, o que ocorreu. (MOTTA, RUBLESCKI, 2013 p. 6)

Mesmo com o passar do tempo e a implementação do videotape como uma medida tecnológica, segundo Fechine:

[...] observa-se uma tendência à utilização cada vez maior da transmissão direta pelos telejornais tanto para a produção de um efeito de atualidade na divulgação da informação quanto para a construção de um sentido de presença entre os sujeitos envolvidos na comunicação (FECHINE, 2006, p. 1).

A transmissão ao vivo em telejornais é utilizada há 69 anos e tem como importante característica o imediatismo para transmitir a notícia. Além disso, é bastante utilizada em alguns casos cotidianos nos telejornais, por exemplo, antes e durante grandes eventos. Segundo Cavenaghi (2012), quando os programas não eram ao vivo e sim gravados, era exigida uma exibição muita mais trabalhosa e demorada, pois era necessário revelar todos os filmes, montá-los em ordem e colocar o som para somente depois disso tudo, eles serem veiculados.

A maioria das reportagens que aparecem nos telejornais são gravadas antes do programa ir ao ar, tendo isso em vista, Fechine comenta:

Como a maioria dos fatos noticiados por um telejornal não ocorre, enquanto o programa está no ar, a transmissão direta passar a ser parte fundamental de estratégias que visam simular uma proximidade

temporal entre a sua ocorrência e sua transmissão pelo telejornal. (FECHINE, 2006, p. 2)

De acordo com Machado (2014), numa transmissão ao vivo qualquer tipo de controle do que está sendo produzido deve ser feito durante a produção. Ou seja, toda e qualquer criação de cenário (ambientalização do espaço), ideia de hierarquização dos fatos que serão apresentados e dados apurados devem ser feitos antes de qualquer transmissão direta. E o grande impasse da cobertura jornalística feita ao vivo é justamente de que não há como voltar, pedir para parar, ou até mesmo regravar o que é feito. Assim como relata Machado (2000), em tempo presente os jornalistas precisam oferecer coerência ao material divulgado no exato instante em que este elemento ainda está ocorrendo, sem obter situações que o permitam pré-visualizar o resultado antes de ser transmitido para o receptor, que no caso dos telejornais, é o telespectador. Além disso, ainda segundo Machado (2000), em uma situação na qual é utilizada a transmissão direta de televisão, qualquer tipo de administração do conteúdo deve ser feito no instante do ato de emissão.

Nas grandes coberturas telejornalísticas o fato que aparece ao vivo na televisão transparece algo mais fiel para o telespectador que está assistindo, como diz Fachine (2006, p. 4) “ao acompanhar, ao mesmo tempo, o *se fazendo* da transmissão e do próprio acontecimento transmitido, o espectador é confrontado com a promessa de que aquilo que ele vê é mais ‘verdadeiro’ ou mais autêntico, justamente por ser menos manipulável a *posteriori*”.

A apresentação dos telejornais, independente do veículo no qual está inserido, é sempre ao vivo, justamente, para veicular a informação mais atualizada possível. Além disso, observa-se que a cobertura ao vivo do local do acontecimento serve como efeito de realidade para o jornalismo (MOTTA e RUBLESCKI, 2013). Ainda assim, segundo Machado:

De fato, grande parte da programação televisual, mesmo daquela que é gravada previamente para posterior emissão, incorpora em sua matéria uma boa parte dos traços de transmissão ao vivo. Em geral, os programas são pré-gravados, não para possibilitar uma edição posterior ou maior controle dos resultados, mas por comodidade técnica ou mesmo por razões econômicas e institucionais. (MACHADO, 2000, p. 126)

Há quem diga que imprevistos são facilmente negociáveis. No jornalismo a realidade é outra. O imprevisto, seja ele qual for, na transmissão ao vivo de qualquer programa de televisão é algo que deve ser calculado e até mesmo programado, mas nem sempre é o que acontece. Muitos fatores são imprevisíveis na rotina dos telejornais: entram pautas prioritárias para serem exibidas no programa, alguns anúncios urgentes ou oficiais precisam ser feitos e passam, muitas vezes, na frente de reportagens já feitas e programadas para o dia em questão. Muitos imprevistos acontecem principalmente ao vivo em transmissões em que, na maioria das vezes, o repórter é quem vai decidir se é relevante ou não na hora da transmissão. São decisões difíceis, mas que devem ser tomadas rapidamente. Segundo Machado:

Toda a transmissão em tempo real e presente inclui um certo elemento de suspense, na medida em que as coisas podem não ocorrer como planejadas. O melhor da televisão ao vivo acontece quando o imponderável se impõe sobre o programado. (MACHADO, 2014, p. 141)

Além disso, tendo em vista as técnicas de uma produção ao vivo e o fato de que existe um certo efeito de vigilância sobre a cidade, no jornalismo diário, segundo Fechine (2006) a presença de, por exemplo, um helicóptero na transmissão ao vivo consegue gerar o efeito de um verdadeiro aparato apto a exhibir o que se passa de mais importante na região no momento em que o telejornal está indo ao ar. Ainda, segundo a autora:

Pela sua rapidez e facilidade de deslocamento em cidades cada vez maiores, e geralmente, com trânsito caótico, helicópteros acabam funcionando como uma espécie de “batedores” (precursores), garantindo do alto as primeiras informações de coberturas que, quando envolvem fatos de maior repercussão, costumam ser complementadas por equipes que se deslocam em unidades móveis em terra. (FECHINE, 2006, p. 5)

Dessa forma pode-se enxergar a grande funcionalidade que este meio de locomoção tem nos momentos de coberturas em tempo real, pois carecem de uma certa agilidade.

3 A ÉTICA E O JORNALISMO

Os jornalistas, assim como outros profissionais, têm as suas próprias opiniões e valores acerca dos acontecimentos que permeiam o dia-a-dia da sociedade. Mas para estes profissionais, que estão sempre em contato com as notícias que são veiculadas, com um olhar por trás dos fatos, é importante que se atenham a algumas questões essenciais para que possam fazer um jornalismo honesto.

O papel do jornalista é informar o seu público e, às vezes, dentro das suas vertentes, é preciso seguir alguns códigos de conduta para que existam valores éticos para com um trabalho jornalístico. Segundo Guareschi (2000), a ética busca a libertação pessoal e social das pessoas e das situações de injustiça.

A ética e a moral são sempre discutidas e analisadas de uma maneira conjunta pelos autores que falam sobre elas. Assim sendo, para Christofolletti (2008), a moral é “um conjunto de valores que orientam a conduta, as ações e os julgamentos humanos. Valores como bondade, justiça, liberdade, respeito à vida, entre outros” e a ética, segundo o autor, se determina como “o pensamento sobre as regras e nossas relações com o mundo: se vamos ou não acatar as normas, e por que fazemos uma coisa e não outra”.

Determinados meios de comunicação, como a televisão, rádio, jornal impresso, mídia online, entre outros, apresentam formas diferentes de contar a mesma história de jeitos diferentes. A linguagem entre eles é diferente, mas num todo a mesma história é contada para os cidadãos. Além disso, os veículos que transmitem para a população as informações têm formas díspares para tal. Por isso é importante que se tenha um código de ética para que todos possam se alinhar a uma única estrutura, fazendo que seja mais difícil haver problemas de conduta. Entretanto, é evidente, que assim como os cidadãos, os jornalistas têm a sua própria opinião sobre os fatos (como dito anteriormente, neste texto) e muitas vezes, por conta disso, contribuem para o modo como a informação é passada para o telespectador. Segundo Christofolletti:

No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus compromentimentos e valores. Podem tentar suspender suas opiniões em certos momentos, mas, se por acaso esquecerem suas funções e

suas relações com o público, vão colocar tudo a perder (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 11)

De acordo com Christofolletti (2008), no momento em que um jornalista desconsidera, na sua prática, o comprometimento com a verdade, é uma falha de ética grave. Inclusive, segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), que vigora há mais de 20 anos no país, e que tenta pôr em prática o direito dos jornalistas como profissionais, exemplifica no Art. 4º do Código de Ética que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”.

A humanidade está em constante mudança e com isso, os códigos e condutas que são seguidos devem ser acompanhados pela mudança também. De que forma cobrir determinada notícia, como falar com determinada fonte ou como se comportar em determinados casos. Segundo Karam:

Voltando ao campo da ética jornalística, podemos dizer que só é possível constitui-la, em bases reais, se levarmos em conta a necessidade de que, na particularidade do jornalismo, o que se desdobra é a própria complexidade crescente da humanidade, que carrega consigo não apenas atos, fatos, versões e opiniões, mas igualmente os valores embutidos na carga moral em que se configuram diariamente. (KARAM, 1997, p.42)

A partir do momento em que um cidadão, possuidor de uma história de vida, de opiniões e de valores próprios e únicos, absorve a notícia que chega até ele e a forma com que ela é contada pelos profissionais, a carga moral e os valores de cada um farão parte da formação de opinião do espectador. A ética é algo fundamental em qualquer profissão, sobretudo no jornalismo, ela garante que os profissionais mantenham a sua integridade e identidade. Segundo Karam (1997) a preocupação com a questão ética surge ao mesmo tempo em que se tenta garantir e ampliar o direito social à informação.

Por ser um dever dos meios de divulgação pública, como consta no Art. 2º - I do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que tem a sua versão datada de 1985, é de extrema relevância que o jornalista se preocupe com a sociedade para a qual está inserido e realizando o seu trabalho.

Kosovski (1995) defende a clareza no texto jornalístico como uma forma de prestar uma informação de qualidade. Até porque, segundo Karam:

Ao contrário do que acha Janet Malcolm, o jornalismo é indispensável para o presente e o futuro da humanidade. E se a humanidade é também um valor a ser defendido, é preciso reconhecer no jornalismo - potencialmente - uma forma de reconstrução diária do movimento humano para si mesmo, no qual os homens se tornam não somente reflexo, mas também projeção. (KARAM, 1994, p. 38)

Assim como na área da moral e da ética, no jornalismo é comum mencionarem prós e contras da prática, atitudes boas e ruins, tal qual posições reprováveis e elogiáveis. O bom jornalismo é aquele cuja atividade é correta de forma técnica, na qual a prática é guiada por valores que exercitem o serviço jornalístico para com a sociedade. (CHRISTOFOLETTI, 2008).

Observando a ética como um tópico presente e recorrente na atualidade, é considerável oferecerem uma abordagem deste elemento em conjunto com a nova mídia presente diariamente no jornalismo brasileiro. Como ocorre normalmente diante de toda a novidade tecnológica, a emergência da "nova mídia" trouxe consigo uma profusão de teorizações apressadas, tanto catastrofistas quanto laudatórias. (MORETZSOHN, 2009).

Mesmo com a mídia se modificando ao longo dos anos e, deste modo, modificando como a informação é transmitida para o seu público, Moretzsohn insiste:

É importante reafirmar a natureza do jornalismo, que permanece como uma mediação fundamental para a vida democrática, por sua legitimidade historicamente determinada e pelo seu caráter de referencialidade em relação aos fatos socialmente relevantes, ou - como se costuma dizer - de interesse público. (MORETZSOHN, 2009, p. 5)

Deste modo, pode-se dizer que o jornalismo permanece com o mesmo objetivo quanto a transmissão de fatos pertinentes para a sociedade.

3.1 SEGURANÇA PÚBLICA E JORNALISMO

Partindo do pressuposto que a segurança pública no Brasil e no mundo assume um prestígio diante da sociedade, além de apropriar-se de uma condição de

qualidade de vida e bem-estar social, é necessário relacioná-la às coberturas jornalística.

A partir do início do período histórico conhecido como República (1889 - atualmente), a dualidade do ofício policial brasileiro foi reforçada, assim como a capacitação e a subordinação ao exército das forças responsáveis pelo policiamento aguerrido. Entretanto, do ponto de vista da Constituição Brasileira de 1988, o objetivo era extinguir a péssima imagem repressora e discriminatória das polícias e satisfazer as expectativas de uma população intimidada pelos grandes índices criminais, o que não aconteceu (BEDENDO, 2013).

Nos dias de hoje, observa-se que as polícias do Brasil retratam organizações de ação registradas nas épocas da Colônia e Império. O conceito é que, apesar da tentativa de retratação e uma possível transição democrática com a constituição do ano de 1988, não modificou em nada o padrão de violência do estado tendo em vista as técnicas de comando. (Bedendo, 2013, apud. Mariano, 2004; Belli, 2004; Soares, 2003; Batista, 2003).

De acordo com Bedendo (2013) existe, no cenário brasileiro, uma tensão entre as condutas neoliberais e neoconservadoras presentes no país. Belli (2004) acredita que a maioria das pessoas concorda com as ações brutais da polícia, amparados pelo discurso político, e acaba legitimando uma resposta desesperada aos crimes, como cita:

A diferença do período militar com o de agora é que as atenções estavam voltadas para o uso deliberado dos órgãos de segurança contra a oposição política. Com o advento da democracia, os métodos passaram a ser utilizados basicamente contra os chamados criminosos comuns. (Bedendo, 2013, p. 85 apud. Belli 2004, p.6-7)

Normalmente quando fala-se em informações que dizem respeito a segurança pública, no geral, pensa-se em uma única fonte, entretanto, a função de costurar a narrativa e comunicar responsabilmente os fatos exige dos indivíduos uma relação com várias pessoas, instituições, etc. Além disso, para um maior entendimento serão apresentados tópicos, segundo Bedendo (2013) para serem explorados em conjunto, quanto a técnica dos caminhos que envolvem a apuração e a divulgação dos fatos, por isso, segundo o autor, primeiramente, devemos entender o que é uma Sinopse da Polícia Militar:

A sinopse da Polícia Militar: é um documento emitido diariamente pela assessoria de comunicação organizacional da Polícia Militar, na qual os policiais agrupam os resumos dos fatos considerados de interesse da imprensa. Pode ser emitido várias vezes ao dia, dependendo dos acontecimentos. (BEDENDO, 2013 p. 165)

O autor elenca diversas possibilidades de pautas especiais, sendo uma delas os crimes que possuem uma grande influência social e que estão ligados a emissão da Sinopse da Polícia Militar:

Crimes de grande repercussão social: assassinatos, estupros, roubos frequentes envolvendo grandes quantias, sequestros, apreensão de drogas em grande quantidade, acidentes com mortes (de automóveis, de trabalho) ou incidentes com mortes (...) rebeliões ou fuga de presos em grande quantidade, violência em escolas, em família, entre outros. Essas pautas são sempre carregadas de situações que envolvem grande comoção social e um grande número de personagens e depoimentos que se completam ou se confrontam a todo instante. Nesse sentido, exigem do jornalista perspicácia e coragem para perceber e percorrer os ambientes, encontrar fontes que ilustrem a reportagem sem apelos, exposições ou explorações desnecessárias de determinadas situações ou pessoas envolvidas. O feeling para selecionar informações ditas no “calor” da emoção deve ser redobrado. (BEDENDO, 2013, p. 168)

E, por fim, aqueles crimes que possuem uma certa periodicidade, segundo elenca o autor:

A repetição frequente de ocorrências da mesma natureza, seja no mesmo dia ou em um curto espaço de tempo, sugere que há um problema maior a ser tratado e debatido. Por exemplo: uma sequência de assaltos a táxis ou de homicídios. Nesses casos, é muito importante que o jornalista tenha um arquivo organizado das ocorrências para uma consulta a qualquer tempo. Esse arquivo vai ser útil para uma possível comparação com as informações divulgadas pela polícia ou algum outro órgão institucional, quando solicitadas. (BEDENDO, 2013, p.166)

Além destes tópicos descritos anteriormente que tem como objetivo informar em qual parte, exatamente, da apuração começa a informação, existe a segunda etapa que diz respeito à estratégia. É fundamental que o jornalista trace uma estratégia para planejar-se, apesar da imprevisibilidade. Pois, segundo Bedendo (2013, p. 171) “a imprevisibilidade da notícia na segurança pública é maior do que em qualquer outra área”. Levando isso como premissa, é dever do jornalista estar sempre preparado para cobrir efetivamente algumas situações.

3.2 MÍDIA E DIREITOS HUMANOS

O Guia de Mídia e Direitos Humanos criado pelo Intervezes⁴ - Coletivo Brasil de Comunicação Social em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, publicado em 2014, pela editora Intervezes em São Paulo, foi criado a partir de debates e sugestões que foram desenvolvidas a partir de oficinas do Ciclo de Formação Mídia e Educação em Direitos Humanos - projeto do Intervezes. Estas oficinas foram realizadas em diversos estados do Brasil, tais como Brasília, Fortaleza, Salvador, São Paulo e Curitiba. A dificuldade para produzir uma comunicação democrática e adequada aos princípios dos direitos humanos sucedeu-se na criação deste guia, segundo Moura:

O Guia baseia-se na compreensão da mídia como espaço público fundamental de formação de imaginários, representações, hierarquias e identidades. Sabemos que os/as cidadãos/ãs brasileiros/as e de todo o mundo têm nos jornais – impressos, televisivos, radiofônicos ou online – suas principais fontes de informação. Por isso, ressaltamos a responsabilidade e o compromisso que todos/as os/as comunicadores/as e profissionais da imprensa têm com a veiculação de conteúdos. De um lado, percebe-se que a omissão, o desrespeito, a construção de estereótipos, o machismo, o sexismo, o racismo, a homofobia, a exposição, a mercantilização e a criminalização de mulheres, negras e negros, LGBTs, indígenas, crianças e adolescentes, idosas e idosos e pessoas com deficiência são ações que marcam parte da cobertura jornalística brasileira. (MOURA, 2014, p. 6)

A partir deste guia são abordados preceitos para um bom jornalismo. De acordo com Moura (2014, p. 8) “mesmo nos casos de coberturas factuais, com pouco tempo e estrutura para aprofundar as temáticas, é possível tomar medidas para não violar os direitos humanos e dar espaço para a diversidade”.

Além disso, para contemplar a ideia de que praticar o jornalismo é basicamente algo social, segundo Ijuim:

⁴ Guia de Mídia e Direitos Humanos. Disponível em: <https://intervezes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Guia-Mi%CC%81dia-e-Direitos-Humanos-menor.pdf> Acesso em: 2 nov. 2019

Se o fazer jornalístico é um ato de comunicação, temos que a comunicação é uma questão essencialmente social. Como esclarece Colin Cherry, o homem desenvolveu diferentes sistemas que lhe tornam possível a vida social. Não para simplesmente atender às necessidades de preservação e sobrevivência, mas num sentido desconhecido dos animais. Entre todos esses sistemas, o mais importante é a fala e a linguagem. O autor sublinha que o desenvolvimento da linguagem se reflete de volta no pensamento, pois com a linguagem os pensamentos podem se organizar e novos pensamentos surgirem. (IJUIM, 2014, p. 2)

O Guia de Mídia e Direitos Humanos parte do pressuposto de que a mídia é um espaço público fundamental na formação de ideias, além de dar destaque a importância do comprometimento e do compromisso dos profissionais de jornalismo com a transmissão de notícias. Vendo como duas faces, a partir de um ponto, enxerga-se as barbáries, o preconceito e o desrespeito com o diferente. De outro ponto enxerga-se a criação de novas perspectivas e iniciativas para o jornalismo mais equivalente a todos. (MOURA, 2014).

Moura (2014) tem como objetivo, com este guia, colaborar para haja uma ponderação sobre a função da mídia na competência em direitos humanos, assim como uma composição de uma cultura de paz. Alguns dos princípios que estão elencados no Guia de Mídia e Direitos Humanos foram destacados pela autora. Começando pela questão de dar voz a quem importa na situação específica em que se notícia. Segundo Moura:

É sempre importante dar voz a pessoas, especialistas e movimentos organizados que representam as populações que são tema da matéria. - Dar espaço para opiniões divergentes: vale fugir do senso comum e procurar dar espaço igualitário para opiniões antagônicas sobre assuntos polêmicos, como cotas para a população negra, por exemplo. Certamente existem grupos organizados e especialistas com posicionamentos diferentes sobre os mais variados temas de direitos humanos. (MOURA, 2014, p. 8)

Ademais, procurar referências que possam servir de dado para a matéria, como acrescenta Moura:

Qualificar as informações que subsidiam a matéria: pesquisas, censos e dados estatísticos podem ser encontrados facilmente na internet e melhoram a qualidade de qualquer material jornalístico, além de, muitas vezes, quebrar ideias equivocadas pautadas apenas no senso comum. (MOURA, 2014, p. 8)

E por último, estar atento na hora da apuração da notícia, como diz Moura:

Observar a lei: alguns casos de cuidados de apuração, redação e produção de imagem abrangem mais do que o respeito aos grupos socialmente minoritários. No caso de crianças e adolescentes que cometem atos infracionais, a lei proíbe que sejam identificados, mesmo que pelo uso de iniciais ou fotos que mostrem o local de moradia ou familiares. (MOURA, 2014, p. 8)

Cabe ao jornalista indagar os seus preceitos e técnicas indelicadas nas transmissões televisivas. E o jornalismo, segundo Ijuim (2014) nasceu pela competência do indivíduo de formar maneiras em que as informações sejam compartilhadas, ou seja, o ato de praticar jornalismo é um ato humano.

3.3 SENSACIONALISMO

O aspecto central do sensacionalismo e o que mais o caracteriza, segundo Lugão (2010) é o tom exagerado que, a partir do momento em que se divulga alguma matéria jornalística, faz com que esta seja propícia a sensibilizar ou revoltar o telespectador. Ainda, de acordo com o autor:

O sensacionalismo é tornar o sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não merecia este tratamento utilizando-se de escândalos, atitudes, atitudes chocantes, hábitos exóticos. (LUGÃO, 2010, p. 12)

Normalmente a mídia sensacionalista é conhecida por ter este viés, assim como é conhecida por expor a catástrofe de forma exagerada. Porém, por outro lado, os telejornais podem sim mostrar algumas imagens que sensibilizem os indivíduos, mas que não necessariamente serão programas de sensacionalismo, como descreve Sobrinho:

Um telejornal (ou radiojornal) não-sensacionalista pode mostrar imagens dramáticas (ou relatos) que emocionem as pessoas. Por exemplo, quando a polícia resgata uma criança sequestrada

e ela corre para abraçar os seus pais, depois de um abraço emocionado a família chora e diz algumas palavras aos repórteres. É uma imagem de forte impacto, emocional garantido. (SOBRINHO, 1995, p. 14)

Partindo do pressuposto de que o sensacionalismo valoriza a violência, o exagerado, o absurdo, o telejornal assume essa postura em conjunto, sendo diferente do telejornal tradicional que, por exemplo, dispõe, normalmente, de uma bancada para os âncoras, e que durante a transmissão não elaboram comentários bárbaros. De acordo com esse ponto, segundo Patias (2005):

No telejornal sensacionalista, a forma de ancoragem é outra. Ao invés de ficar sentado, o apresentador fica em pé no estúdio, tendo atrás de si um cenário arrojado, formado por monitores de TV, onde ele acompanha a exibição das imagens; se comunica pelo ponto eletrônico com a direção técnica do programa, pede a repetição de imagens, dá 47 ordens, gesticula com as mãos; movimenta-se com liberdade; dá as costas para as câmeras, anda pelo estúdio, gesticula e abusa de expressões faciais; pode se aproximar ou se afastar das câmeras, produzindo efeitos muito diferenciados, em especial quando é enquadrado em close-up; e, principalmente, faz seus julgamentos: “vagabundo”, “safado”, “sem-vergonha”, “escória da sociedade”, repete com frequência, enquanto são exibidos os rostos dos acusados de roubo e outros crimes que o programa apresenta. No telejornal sensacionalista, o apresentador é mais um animador que, ao mesmo tempo anuncia as notícias, chama os repórteres, divulga os produtos e serviços oferecidos pelos patrocinadores, faz sorteios e manda recados aos telespectadores. (PATIAS, 2005, p.47)

A partir desse pensamento, pode-se dizer que o telejornalismo sensacionalista se difere na forma em que é apresentado e no modo em que se exhibe a notícia.

4 JORNAL HOJE

O Jornal Hoje (JH), um dos mais antigos telejornais da Rede Globo, segundo o site oficial⁵ do mesmo, teve sua primeira edição no dia 21 de abril de 1971, sob comando de Luís Jatobá e Léo Batista, que estrearam o jornal como uma revista diária, com reportagens sobre diversos assuntos: “[o programa] era como uma revista diária, com matérias sobre arte, espetáculos e entrevistas⁶”. O telejornal era veiculado, inicialmente, apenas para a cidade do Rio de Janeiro. A partir do ano de 1974, três anos depois do seu início, passou a ser exibido em todo o território nacional. Já em 1981, o Hoje ganhou um novo cenário, mais moderno, além de um novo formato: algumas das entrevistas deixaram de ser no estúdio e Pedro Bial, repórter na época, começou a ir ao encontro dos entrevistados. Além disso, um espaço para matérias turísticas ganhou espaço no programa, como a inauguração da coluna “Gente” que apresentava famosos de um jeito descontraído. No começo do ano de 1979, o jornal era comandado pelo trio de jornalistas, Márcia Mendes, Sônia Maria e Ligia Maria que faziam parte de uma nova mudança no telejornal, pois o Hoje decidiu começar a investir na maior parte da audiência, o público jovem feminino. Em 1981, o cargo de editor-chefe do telejornal foi assumido por Chico Santa Rita que tinha a missão de mudar o perfil do programa e torná-lo mais noticioso: “uma espécie de Jornal Nacional do horário do almoço⁷”. Foi feita então, uma mudança na identidade visual, nova abertura e um cenário com fundo de madeira, que reforçava o conceito de informalidade.

Dez anos depois, em 1991, o telejornal sofreu novamente mudanças no seu cenário e formato. Um quadro novo intitulado “Você”, colocou especialistas para falar sobre beleza, além disso um bloco sobre cultura foi formado. O principal rumo que o editor-chefe do telejornal deste ano queria tomar era destinar a maior parte do noticiário à atualidade, com o máximo de entradas ao vivo dos repórteres, segundo o site oficial⁸ do programa. Em 1998 o grande nome que ficou como marca do Jornal Hoje, Sandra Annenberg, assumiu a bancada do programa. Ela estava no comando quando a redação do telejornal foi transferida do Rio de Janeiro para São Paulo. Em

⁵ Fonte: Memória Globo. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/> Acesso em: 15 out. 2019

⁶ Olhar item 1.

⁷ Olhar item 1.

⁸ Olhar item 1.

1999, o telejornal passou, então, a ser produzido em São Paulo, segundo o site Memória Globo: “as novas instalações contavam com uma redação bem equipada, perto das ilhas de edição, ao departamento de artes, à pós-produção e à chefia de reportagem”⁹. Até o ano de 2001, o JH era o noticiário que exibia o maior número de entradas ao vivo de várias partes do Brasil. Novamente, em 2003, comandado por Sandra Annenberg e Carlos Nascimento, o telejornal passou por mais uma alteração. “(...) o JH muda a linguagem e o conteúdo para resgatar a sua vocação, que é de um telejornal-revista”¹⁰. A partir deste ano as entrevistas especiais, reportagens sociais e matérias culturais voltaram com tudo. Em fevereiro de 2004, Evaristo Costa se junta à Sandra Annenberg na apresentação do telejornal: “com uma linguagem coloquial, sem perder a seriedade, o Jornal Hoje avança em sua busca por uma forma criativa de fazer revista na TV”¹¹. No ano de 2008, os telespectadores começaram a mandar fotos, vídeos e ideias para a coluna “Você no JH”, o que fez com que o programa se encaminhasse para uma relação mais direta com o público.

A partir do ano de 2014, o cenário foi modificado, pela última vez até então. Telões se movimentam de acordo com a notícia apresentada pelos âncoras e segundo o site oficial do telejornal: “é com esse movimento que o Jornal Hoje busca estar ainda mais perto do público”¹².

Atualmente, o programa é exibido de segunda a sábado, às 13h20, no horário de Brasília. Como âncora está Maria Júlia Coutinho e no cargo de editor-chefe está Cláudio Marques. O programa segue o modelo de telejornal e exhibe matérias relevantes para a sociedade.

⁹ Evolução Jornal Hoje. Fonte: Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje.htm> Acesso em: 05 set. 2019

¹⁰ Olhar item 1.

¹¹ Olhar item 1.

¹² Olhar item 1.



Figura 1 - Maria Júlia Coutinho na transmissão do Jornal Hoje do dia 29 de outubro de 2019.

Fonte: GloboPlay

4.1 COBERTURAS ESPECIAIS DO JORNAL HOJE AO LONGO DOS ANOS

O Jornal Hoje tem como característica marcante coberturas especiais que costumam mudar totalmente o rumo do programa a partir de fatos relevantes para a sociedade. Assim como foi feito no dia em que ocorreu o massacre de Suzano, em São Paulo, uma cobertura totalmente destinada ao acontecimento, ao longo dos anos anteriores, o mesmo foi elaborado em outros marcos factuais de acontecimentos importantes que marcaram o mundo, como os que foram destacados abaixo.

4.1.1 ROCK IN RIO



Figura 2 - A transmissão, ao vivo, da primeira cobertura do JH no Rock in Rio.
Fonte: GloboPlay

A primeira grande cobertura especial do Jornal Hoje foi a transmissão do primeiro Rock in Rio¹³, dos dias 11 a 20 de janeiro de 1985. Além dos shows que foram exibidos pela Rede Globo, reportagens sobre estilo e moda roqueira ganharam visibilidade no programa. A cobertura contou, ainda, com diversas entradas ao vivo, diretamente da antiga Cidade do Rock¹⁴, localizada em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

¹³ Fonte: Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/rock-in-rio.htm> Acesso em: 25 out. 2019.

¹⁴ Cidade do Rock: nome dado ao lugar que já sediou as edições do festival Rock in Rio.

4.1.2 MORTE DE TANCREDO NEVES



Figura 3 - Transmissão do JH na cobertura da morte de Tancredo Neves. Carlos Nascimento, ao vivo, para o JH.
Fonte: Globoplay

A cobertura da morte de Tancredo Neves¹⁵, em 21 de abril de 1985, é uma das que mais se destacou nos anos 80 no Jornal Hoje. O telejornal contou com quase duas horas de duração e foram diversas atualizações sobre o ocorrido, além de entradas ao vivo do jornalista Carlos Nascimento que estava em São João Del Rey, em Minas Gerais, cidade natal do então ex-ministro.

¹⁵ Fonte: Memória Globo. Disponível em: Acesso em: 25 out. 2019
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/morte-de-tancredo-neves.htm>

4.1.3 ACIDENTE COM O FOKKER 100 DA TAM



Figura 4 - Imagens do acidente com o Fokker 100 da TAM
Fonte: Globoplay

No dia 31 de outubro de 1996 um avião da companhia TAM, que fazia a rota Rio - São Paulo caiu na cidade de São Paulo, segundos após a decolagem, foi o segundo maior acidente da aviação brasileira até então. Logo após o Jornal Hoje entrou no ar¹⁶, com uma edição especial do ocorrido, e com imagens de um cinegrafista amador. A apresentadora Sandra Annenberg atualizava o público com informações acerca do caso, enquanto imagens aéreas de São Paulo davam a dimensão do ocorrido. Além disso, nesta edição, reportagens exibiam a situação da tragédia com entrevistas de testemunhas.

¹⁶ Fonte: Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/acidente-com-o-fokker-100-da-tam.htm> Acesso em: 24 out. 2019.

4.1.4 ATENTADOS DO 11 DE SETEMBRO



Figura 5 - Atentado 11 de setembro, transmitido pelo JH.
Fonte: Globoplay

No dia 11 de setembro de 2001 aconteceu o maior atentado da história mundial. O Jornal Hoje transmitiu narrações, ao vivo, sobre o acontecimento¹⁷. O primeiro plantão do telejornal entrou no ar sete minutos após o choque do primeiro avião a uma das torres gêmeas, famoso complexo empresarial World Trade Center, em Nova York, às 9h52 da manhã. A partir do momento em que o segundo avião atingiu a torre vizinha, o jornal começou a falar em atentado, antes mesmo da CNN¹⁸. A transmissão se estendeu até às 14h, com imagens das televisões americanas, comandadas pelos estúdios de São Paulo por Carlos Nascimento e Ana Paula Padrão. O diretor executivo da Central Globo de Jornalismo daquele ano, Amauri Soares, comandou a transmissão do *switcher*¹⁹, o qual se comunicava com os apresentadores. O plantão com cobertura ao vivo seguiu até o início do Jornal Hoje que começou a sua edição daquele dia com imagens da Ilha de Manhattan coberta

¹⁷ Fonte: Memória Globo. Disponível em:
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/atentados-aos-eua.htm>
Acesso em: 25 out. 2019.

¹⁸ CNN: Cable News Network é um canal a cabo de notícias norte-americano.

¹⁹ Switch: sala de controle onde trabalham o Diretor de TV, sonoplastas, operadores de VT, GC e o editor-chefe do telejornal no momento em que o programa está no ar.

de fumaça. O panorama da tragédia era mostrado por correspondentes internacionais que entravam ao vivo com várias informações. Além de mostrar o que estava acontecendo diretamente dos Estados Unidos, o Jornal Hoje mostrou a repercussão do atentado no Brasil, com entradas ao vivo de Brasília e, diretamente de São Paulo, exibindo entrevistas com o Ministro das Relações Exteriores. No estúdio, ainda, “chamaram” uma especialista em Relações Internacionais para fazer uma análise sobre o impacto deste evento internacionalmente.

4.2 METODOLOGIA

Para este trabalho a autora decidiu utilizar o método de análise de conteúdo, de acordo com o composto de procedimentos sistematizados por Laurence Bardin (2011) sobre este tema, seguindo-o em uma linha de ordem cronológica, que propõe os seguintes tópicos: a pré-análise, a análise do material e a interpretação dos resultados.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2011, p. 37)

Segundo Bardin (2011) são desenvolvidas categorias para que o estudo seja explicativo para operações acadêmicas. Na primeira fase deste estudo, ou seja, na fase de pré-análise, foi feita, primeiramente, uma leitura flutuante. Esta etapa, considerada por Bardin (2011) a fase de organização propriamente dita, diz respeito a um estágio de prognósticos que tem como propósito organizar as ideias iniciais da autora, de modo que elas possam guiar as próximas ideias que surgirem para que se esquematize, no fim, uma estratégia completa de análise. Nesta etapa são desenvolvidas as hipóteses, definem-se quais indícios serão desfrutados para a interpretação de noções e, a partir deste momento, é escolhido o material que será analisado.

Neste primeiro estudo realizado a partir do conceito de pré-análise da autora, foi formada então uma observação inicial, a partir de uma leitura flutuante, acerca da

edição especial do programa Jornal Hoje, que foi ao ar no dia 13 de março deste ano e que está disponível no portal da Globo Play²⁰.

Deste modo, foi possível delimitar que o problema apresentado por esta pesquisa seria esclarecido, pela autora, a partir da cobertura especial que o Jornal Hoje atribuiu ao atentado de Suzano no mesmo dia em que o fato ocorreu - objeto desta pesquisa.

A segunda etapa é notada no reconhecimento do material visto na primeira parte, em que se efetua a análise propriamente dita, contemplam-se as categorias e indicadores previamente escolhidos. Nesta parte os procedimentos de codificação dos dados obtidos são examinados.

No momento final do estudo, na última etapa do processo, aconteceu o esclarecimento das informações obtidas na etapa anterior e o pesquisador teve o poder de propor inferências levando em consideração os objetivos propostos. Com a união destas três etapas e levando em consideração os materiais adquiridos através das mesmas, expõe-se as melhores perspectivas para o pesquisador.

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise factorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (BARDIN, 2011, p.131).

Para que a análise seja bem apresentada a autora utilizou ainda o método de análise quanti-qualitativa, na parte *quanti* são coletados dados quantitativos de repetição da presença de certos aspectos e depois, em um segundo momento, na parte *quali*, as questões de aspecto qualitativo do conteúdo analisado são atendidas, tal qual exemplifica a sua particularidade:

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências

²⁰ Globoplay é uma plataforma digital com streaming de vídeos sob demanda criada e desenvolvida pelo Grupo Globo.

suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos. (BARDIN, 2011, p.145).

A escolha por este programa se atém ao fato de que a história do JH apresenta uma linearidade de edições que são transmitidas ao vivo e contém reportagens gravadas, ao mesmo tempo. Porém, quando se tem uma edição especial no ar, a forma como o programa é conduzido, muda. Além disso, é importante ressaltar que o programa foi escolhido, também, pelo fato de estar na grade de programação da Rede Globo em um espaço de tempo muito curto em relação ao momento no qual ocorreu o massacre de Suzano. O Jornal Hoje é o primeiro telejornal veiculado em todo o estado de São Paulo, logo após a tragédia, segundo a grade da Globo. Por último, a escolha também foi importante do ponto de vista de audiência da emissora em que é veiculado o telejornal. A Rede Globo é, atualmente, a emissora com mais audiência²¹ em todo o Brasil, colocando o programa, então, em um patamar de alta visibilidade do público.

4.3 A COBERTURA DA TRAGÉDIA DE SUZANO PELA REDE GLOBO

Na manhã do dia 13 de março de 2019, por volta das 9 horas e 30 minutos, segundo o horário de Brasília, dois jovens, um de 17 anos e o outro de 25, entraram na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, no estado de São Paulo, encapuzados, efetuando diversos disparos de arma de fogo contra estudantes e funcionários que estavam presentes na escola naquele momento. Pouco antes do ataque à escola, um dos jovens abriu fogo contra o seu tio dentro de uma revendedora de automóveis, nas proximidades da escola. O ataque resultou na morte de dez pessoas, sendo cinco alunos do colégio, duas funcionárias, um comerciante e os dois mentores do crime.

Desde o surgimento da notícia, as informações do massacre eram vagas, poucas eram as informações que constavam nas grandes emissoras do país. A cobertura da Rede Globo sobre o atentado de Suzano na manhã do dia 13 de março

²¹ Veja o ranking das emissoras de TV mais assistidas no Brasil. Fonte: Mais Oeste. Disponível em: <https://www.maisoeste.com.br/2019/04/23/veja-o-ranking-das-emissoras-de-tv-mais-assistidas-no-brasil/> Acesso em: 29 out. 2019

começou a ser noticiada a partir do programa “Mais Você”²², que tem início às 9 horas na programação da Globo. Ana Maria Braga, apresentadora, chamou, nos minutos finais de seu programa, o repórter Donny de Nuccio, um dos âncoras do Jornal Hoje, que fez uma entrada ao vivo diretamente do estúdio do JH de São Paulo. Depois da fala de Donny, a transmissão volta ao estúdio com a Ana Maria Braga e ela finaliza o programa, claramente abalada. O fato que chama atenção no diálogo entre Donny e Ana Maria Braga é a insistência do jornalista ao repetir que as informações que se tem ainda são muito precárias e que ao longo da programação ele manterá o público informado.

Na grade da Rede Globo o programa que daria seguimento ao “Mais Você” seria o “Encontro com Fátima Bernardes”²³, mas devido a cobertura do massacre, ele não foi veiculado. No programa do dia seguinte, 14 de março, Fátima chega a relatar o ocorrido assim que a exibição começa.

Normalmente, na programação da Rede Globo em São Paulo, o programa seguinte seria o “SP1”, telejornal local²⁴ brasileiro, exibido para a sua área de cobertura e apresentado por César Tralli. Segundo Tralli (2019) o noticiário que tem a maior relevância dentro do estado de São Paulo. Já no Rio Grande do Sul, na programação da RBSTV, afiliada da Rede Globo, na grade regional é veiculado o Jornal do Almoço nesse horário. Mas como o ataque ocorreu no Estado de São Paulo, a autora optou por seguir a programação da Globo de São Paulo, e não a do Rio Grande do Sul. Assim como o “Encontro com Fátima Bernardes”, o “SP1”²⁵ não foi veiculado no dia do atentado. No dia seguinte, portanto, César Tralli iniciou o telejornal comentando sobre Suzano.

Neste dia o programa que seria o próximo a ser transmitido na grade de programação da Rede Globo, o “Esporte Espetacular”²⁶, também deixou de ser exibido por conta da cobertura do massacre. O seguinte programa na grade da Globo

²² Mais Você: é um programa apresentado por Ana Maria Braga que comenta assuntos variados, como culinária, comportamento, saúde, entre outros.

²³ Encontro com Fátima Bernardes: é um programa comandado por Fátima Bernardes que conta com uma mistura de jornalismo, informação, humor e música.

²⁴ Entrepõe a programação da Rede Globo em suas duas edições destinadas ao padrão chamado *Praça TV*, horário dedicado ao jornalismo local gerado por emissoras próprias e afiliadas.

²⁵ SP1: é um programa de TV local, apresentado por César Tralli, que exhibe notícias de São Paulo para o estado inteiro.

²⁶ Esporte Espetacular: é um programa que apresenta as novas notícias sobre esportes do mundo todo.

estadual é o Jornal Hoje. Tendo em vista o foco desta pesquisa e a análise aprofundada do Jornal Hoje, ele será abordado em um subcapítulo exclusivo.

4.4. A COBERTURA DO JORNAL HOJE

No dia da tragédia de Suzano, 13 de março de 2019, o programa Jornal Hoje, da Rede Globo, estendeu a sua duração de, geralmente, 50 minutos para 2 horas, 49 minutos e 50 segundos. O telejornal foi transmitido inteiramente em tempo real e apresentou todas as informações sobre o acontecimento ao vivo, com a presença de vários repórteres diretamente do local do massacre.

Como mencionado anteriormente neste trabalho, para fins de análise, categorias foram utilizadas para embasar o estudo feito através da linha de pensamento de Bardin (2011). Para que seja possível acompanhar o desenvolvimento deste processo de análise, trechos da cobertura do Jornal Hoje serão rapidamente descritos e destacados quando necessários.

O primeiro conjunto de análise corresponde a todas as entrevistas veiculadas na edição especial do Jornal Hoje em questão. Tendo em vista de que se tratava de uma transmissão especial sobre um massacre, dividiu-se esta primeira categoria em entrevistas com fontes independentes e coletivas. A partir deste conjunto é feito o apontamento de quais e quantas entrevistas foram transmitidas ao longo do telejornal em relação a cada sub-categoria. A segunda categoria diz respeito ao número de vezes em que cada profissional manifestou-se diante das câmeras e de que maneira se comportou na transmissão do programa. O terceiro grupo desta análise mostra quais foram os formatos telejornalísticos mais utilizados ao longo do programa, a fim, de entender como se dá a cobertura especial em momentos de tempo real. O formato pode ser classificado como a técnica do produto jornalístico (REZENDE, 2000). As categorias descritas têm como objetivo caracterizar a abordagem utilizada na cobertura da edição especial analisada e entender como se dá a narrativa, em tempo real, do acontecimento.

No total são 13 profissionais que constituem a edição especial do JH do ataque, 10 deles fora do estúdio e 3 dentro, sendo eles, respectivamente: Carolina Paes, Cintia Toledo, Saulo Tiossi, Giba Bergamin, Cesar Galvão, Sabina Simonato, Glauco Araújo, Sandra Coutinho, Bruno Tavares, Tiago Schauer, Bruna Vieira, Sandra Coutinho, Flávia Alvarenga e no estúdio Donny de Nuccio, Sandra Annenberg,

âncoras do telejornal e César Tralli, repórter investigativo convidado para ajudar na cobertura da tragédia.

4.4.1. Entrevistas

O presente trabalho relacionou o total de 19 entrevistas ao longo de toda a edição especial do JH, sem contabilizar as entrevistas que aparecem de forma repetida ao longo do programa. Foi feita uma diferenciação entre as entrevistas coletivas e as individuais.

Ao todo foram 5 entrevistas coletivas, todas com fontes oficiais e somente uma delas foi ao vivo, as outras foram gravadas, mas transmitidas em tempo real da cobertura. A primeira se deu, aos 7 minutos e 17 segundos, logo no início da transmissão, com o responsável pela Prefeitura de Suzano (não é revelado o nome do indivíduo) o qual informa o lugar para onde estavam sendo direcionados os familiares dos estudantes.



Figura 6 - O responsável (não identificado) pela Prefeitura de Suzano.
Fonte: GloboPlay.

Na sequência, aos 7 minutos e 39 segundos, uma nova entrevista coletiva é feita, desta vez com o Comandante-geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo, Marcelo Vieira, que discorre sobre as espécies das armas utilizadas no crime. A terceira entrevista, aos 8 minutos e 25 segundos é realizada com o governador de

São Paulo, João Dória, que salienta a importância de falar com a família das vítimas de forma reservada.



Figura 7 - À esquerda o comandante-geral da polícia de São Paulo, Marcelo Vieira. À direita o governador de São Paulo, João Dória.
Fonte: GloboPlay. Montagem realizada pela autora

Já a quarta entrevista coletiva foi executada quando a transmissão já havia completado 1 hora e 48 minutos, com o vice-presidente da república Hamilton Mourão, que comentou a tragédia em poucas palavras, diretamente de Brasília. A última entrevista coletiva, também a de maior duração, totalizando 16 minutos e 28 segundos, na qual, o secretário de segurança pública de Suzano, General Campos, e o Comandante-geral da polícia militar, atualizaram os repórteres sobre o massacre. A única entrevista coletiva repetida na transmissão foi a com o governador João Dória.



Figura 8 - À esquerda o vice-presidente da república Hamilton Mourão. À direita o General Campos, secretário de segurança pública de Suzano, e o comandante-geral da polícia militar, Marcelo Vieira.
Fonte: GloboPlay. Montagem realizada pela autora

As entrevistas independentes foram 14, sem contabilizar as que foram mostradas repetidamente. A primeira veiculada no programa, aos 6 minutos e 31 segundos, não menciona o nome da entrevistada, nem do repórter que dialogou com

ela, apenas o fato de que é a mãe de uma estudante da Escola Estadual Raul Brasil. A mulher conta o ponto de vista da filha sobre a tragédia e parece extremamente abalada. A segunda entrevista é feita pelo repórter Tiago Scheuer, nos arredores da escola, com Cláudio, parente de um estudante da escola, que diz não ter informações concretas sobre o estado de seu sobrinho.

Tiago: Dony, Sandra, oi pra todo mundo. A gente tá aqui em volta da escola ainda, agora começaram a isolar toda a área, todo o quarteirão da escola está isolado pela polícia militar, eles estão fazendo este trabalho (...) Eu tô aqui com o Claudio, ele é parente, ele é tio, de um dos alunos dessa escola. Esse aluno tem 17 anos, tava no terceiro ano, estuda no terceiro ano, estava dentro da escola no momento. Cláudio, vocês tão em busca de informações sobre ele (...) como é que tá sendo essa situação pra você.? Boa tarde.

Cláudio: Boa tarde. Essa situação tá sendo difícil porque a gente não tem nada de informação. Uns falaram que ele estava no hospital de Mogi, não tá. Na santa casa, não tá. Na escola falaram que a gente tem que esperar pra ver se o corpo dele tá lá.

Tiago: Como é que você soube da notícia do tiroteio e vocês tentaram ligar pro celular dele?

Cláudio: Eu tive a notícia por grupo de escola, grupo de *Whatsapp*, e depois, assistindo a televisão, acabei vendo (...)

Tiago: Então vocês não sabem com ele está, né? Não sabem como o seu sobrinho está, né, onde ele está.

Cláudio: Não, não sabemos, moço.



Figura 9 - Cláudio, tio de um aluno da Escola Estadual Raul Brasil, concede entrevista para o repórter Tiago Scheuer.

Fonte: GloboPlay

A entrevista seguinte é logo após a de Cláudio, feita pelo mesmo repórter, Tiago Scheuer. Dessa vez é realizada com Carlos, vizinho da Escola, que afirma ter acordado com tiros que ouviu pela manhã.

Na sequência é ouvido o ex-professor da Escola, Edilson Castilho. A repórter é Carolina Paes, que está, assim como Tiago, nos arredores do Colégio. Edilson fala sobre a referência que o colégio tem e a grande visibilidade dentro do município de Suzano, entretanto, quando se trata de ambiente escolar, ressalta que dentro da escola o espaço foi sempre muito tumultuado pelo desrespeito com os professores e pelo bullying entre alunos. Além disso, conta o motivo pelo qual não é mais professor na instituição: foi agredido por um aluno, com uma garrafa de água, dentro da sala de aula.

A entrevista subsequente é feita pela repórter Bruna Vieira, localizada em frente ao hospital Santa Maria, o hospital mais próximo da Escola. Bruna conversa com Austelino Matos, médico cirurgião que relata ter visto um menino chegando ao hospital carregando, em seu ombro, um machado. O médico fala sobre a cirurgia que fez no menino, mas sem citar nomes. Prontamente após completar uma hora de transmissão, a repórter Bruna Vieira comenta que encontrou com uma estudante do colégio Raul Brasil, Andressa, que procurava pelo namorado baleado, na frente do hospital, e conversou com a menina. Andressa estava em frente ao hospital Santa Casa tentando obter informações sobre o estado de saúde de seu namorado. Visivelmente consternada com a situação, secando as lágrimas, conversa com a repórter. Apesar das imagens sensíveis que são transmitidas de Andressa, Bruna não tratou a menina de forma indelicada.



Figura 10 - Andressa, aluna da Escola Estadual Raul Brasil, fala um pouco sobre um dos feridos do massacre, seu namorado, Murilo.
Fonte: GloboPlay

A sétima entrevista independente transmitida pelo JH apresenta Andreia dos Santos, mãe da estudante Letícia Nunes, que estava internada no Hospital Santa Maria (imagens da menina sendo transportada de maca são mostradas, momentos antes da entrevista) e foi levada para o Hospital Santa Casa de Suzano. A entrevista não identifica o repórter. Andreia expõe como soube da tragédia e diz que as informações eram muito precárias no início.



Figura 11 - À esquerda Letícia sendo transferida de hospital, através de uma maca. À direita Andreia dos Santos, mãe de Letícia, comentando sobre a tragédia.
Fonte: Globoplay. Montagem realizada pela autora.

Uma fonte diferente aparece nos 60 minutos e 21 segundos do telejornal, Silmara Moraes, cozinheira da Escola, fala sobre o ocorrido. Muito consternada afirma que o ataque foi no momento da merenda e os alunos ficaram apavorados. Milene Cardoso, mais uma estudante da Escola Raul Brasil, conversa com Tiago Scheuer. Milena conta para Tiago que estava dentro da cantina da instituição no momento do ataque, com a entrevistada anterior, Silmara Moraes.

A seguinte entrevista independente aconteceu com a mãe de uma aluna que foi baleada dentro da instituição. Valéria de Melo Oliveira Jesus, conta, abalada, para a repórter Bruna Vieira, como soube do acidente da filha. Logo após, Bruna conversa com Sandra Regina, mãe de José Vitor, o menino que chegou com um machado no ombro, no Hospital Santa Maria. A mulher relatou à repórter que soube do ocorrido e, no minuto seguinte, foi ao Hospital. A mãe diz que o menino está em recuperação e dentro de um quadro de saúde estável.

O secretário adjunto de saúde de Suzano é entrevistado, mas o nome do repórter que o faz não é mencionado, nem o do secretário. O homem fala sobre a transferência hospitalar de três alunos. Bruna conversa com a coordenadora do pronto socorro do Hospital Santa Maria, Débora Nogueira, que fornece informações sobre os feridos que estão ali internados. A última entrevista independente que acontece na transmissão do JH é feita com a advogada Juliana que abrigou alunos em sua casa, momentos depois de o ataque começar. A identidade do repórter não é revelada, nem mesmo o sobrenome da entrevistada.

A respeito da localização das entrevistas, somente uma delas foi feita fora do município de Suzano, que corresponde a entrevista coletiva de Hamilton Mourão cujo foi realizada em Brasília.

4.4.2 Imagens

No que corresponde a imagens da transmissão especial do telejornal, este item abordará dois subitens. O primeiro que diz respeito às aparições dos jornalistas à frente das câmeras, e o segundo correspondente à vídeos veiculados como apoio²⁷.

²⁷ Imagens de apoio são imagens utilizadas para ajudar o telespectador a compreender a notícia que está sendo exibida.

4.4.2.1 Aparições dos jornalistas ao longo da transmissão

Durante toda a transmissão do programa, os jornalistas, sem contar os que estavam presentes no estúdio, apareceram diante das câmeras 19 vezes, não contabilizando as vezes que apareceram somente para entrevistar outrem.

Em 6 ocasiões somente o áudio dos jornalistas é ouvido e a imagem deles não é transmitida. Entretanto, no caso de Cintia Toledo, que possui 1 entrada ao vivo e Sabina Simonato 4, das quais ambas participaram sobrevoando Suzano, dentro do GloboCop²⁸, em momentos diferentes do telejornal, imagens aéreas de Suzano são transmitidas. Já na situação do repórter Glauco Araújo, jornalista do G1²⁹, com apenas 1 entrada no ar, transmitiu atualizações da tragédia diretamente da delegacia de Suzano, por telefone.

A jornalista que teve mais aparições, ao longo da cobertura, foi Carolina Paes, com 4 ocorrências. Em segundo lugar, visando o maior número de aparições no telejornal estão: Saulo Tioffi e Giba Bergamin, com 3 entradas cada um. Em seguida estão os jornalistas César Galvão e Bruno Tavares, com 2 entradas cada e por último, com 1 entrada, estão os repórteres Tiago Schauer, Bruna Vieira, Sandra Coutinho e Flávia Alvarenga. Em todas as aparições dos jornalistas o GC³⁰ com a frase “10 mortos em escola em Suzano, SP. Os dois atiradores se mataram”.

²⁸ Globocop: é um helicóptero usado pela TV Globo para imagens aéreas e coberturas em tempo real.

²⁹ G1: é um portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo.

³⁰ GC: Gerador de Conteúdo.



Figura 12 - Imagem mostra todos os repórteres que realizaram o *Stand Up*
Fonte: Globoplay. Montagem realizada pela autora.

4.4.2.1 Vídeos

O primeiro e único vídeo amador exibido pelo telejornal mostra a situação dentro da Escola logo após a tragédia, gritos e choros de jovens são ouvidos.

Ao completar 17 minutos o JH exibiu um vídeo feito por uma câmera de segurança, que mostra o carro alugado pelos dois mentores do crime chegando na escola. A partir desse momento, o mesmo vídeo é veiculado mais 8 vezes ao longo de toda a transmissão.



Figura 13 - O primeiro vídeo à esquerda superior da tela condiz com o vídeo amador. O segundo vídeo à direita superior da tela mostra o carro dos atiradores chegando na Escola.

O vídeo à esquerda no canto inferior refere-se ao momento em que as crianças saíram correndo da Escola. E o vídeo à direita inferior mostra a mesma cena do vídeo anterior, mas de outro ângulo.

Fonte: Globoplay. Montagem realizada pela autora.

Outros dois vídeos, de ângulos diferentes, mostram o momento em que os alunos correm para fora dos portões da Escola Raul Brasil. Este vídeo é exibido 5 vezes, ao passo que as imagens aéreas do município de Suzano, telejornal constituem 26 ocorrências ao longo da transmissão.

4.4.3 Formato

O *Stand Up* foi o formato que prevaleceu nesta pesquisa. O total de vezes que ele foi utilizado durante a transmissão foi de 19 vezes. Este é um formato jornalístico comumente utilizado no qual o jornalista realiza uma transmissão, seja ao vivo, ou gravada, no local do acontecimento para transmitir informações do fato (PATERNOSTRO, 2006).



Figura 14 - *Stand Up* de Carolina Paes, nos arredores da Escola Raul Brasil.
Fonte: Globoplay

Em segundo lugar estão as entradas ao vivo que foram realizadas 7 vezes. Das entradas ao vivo realizadas, a maioria delas (5) foram sucedidas por repórteres que estavam sobrevoando Suzano, diretamente do Globocop. Sandra Annenberg ainda fez uma nota em off (1), elencando as tragédias mais famosas relacionadas a escolas, no mundo inteiro. Tendo em vista este tipo de transmissão é importante ressaltar que é significativo o número de vezes em que o Globocop foi utilizado. Em relação às outras duas, uma delas aconteceu por telefone, com o repórter Glauco Araújo e a outra com a correspondente internacional, Sandra Coutinho, diretamente do escritório da Rede Globo de Nova Iorque.



Figura 15 - Entrada ao vivo de Sandra Coutinho, diretamente do escritório da Rede Globo, em Nova Iorque.
Fonte: Globoplay

4.4. Linguagem

A palavra “escola” foi a mais utilizada pelos jornalistas na transmissão do telejornal, contabilizando, aproximadamente 95 vezes. Em seguida, “assassinos” aparece com 60 ocorrências. “Vítimas” com 50 repetições e “massacre” com 47. A palavra “tragédia” foi dita 22 vezes, enquanto “crime” foi manifestada em 20 ocasiões. O nome dos autores do crime, sendo um Luiz Henrique e o outro Guilherme Tauci foram ditos, respectivamente 21 e 34 vezes, no total.

Aos 34 minutos e 52 segundos de transmissão, Sandra Annenberg cita, pela vigésima vez a palavra “assassinos”, como exemplificado no trecho abaixo:

Sandra: E agora uma informação muito importante, acabaram de divulgar a identidade dos dois assassinos Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos (...) e também Luiz Henrique de Castro, 25 anos.

A partir das palavras de Carolina Paes que foi uma das primeiras repórteres a chegar ao local da tragédia e ouviu o depoimento de algumas testemunhas, segundo Donny, é destacada a dificuldade da cobertura, como a mesma cita:

Carolina: Boa tarde, Donny, boa tarde, Sandra, boa tarde à todos. Realmente como você disse é difícil fazer essa cobertura, em todos os sentidos, porque a gente tá aqui a gente sabe que a gente tá trabalhando diretamente com adolescentes, com vidas independentemente, como você disse a gente chegou logo que as informações chegaram para a polícia, pros bombeiros, a gente cruzou com muitos carros, muitas viaturas vindo prestar o socorro aqui para os alunos e funcionário do Raul Brasil. E agora qual é a situação? A gente vem mostrando ao longo da programação, não só depoimentos de pais de alunos, mas também vem mostrando o drama de familiares (..)

Aos 15 minutos de transmissão, Carolina continua nos arredores da escola, mas tem novas informações. A repórter fala sobre os carros de funerárias que começavam a chegar naquele momento e sobre a perícia da Polícia Militar que iniciou a retirada dos corpos que ainda estavam dentro da Escola. Além disso, relata que conversou com o GATE³¹, que fazia uma vistoria no momento dentro do colégio, e que a princípio existia 1 artefato que poderia ser considerado uma bomba.

Carolina: Donny e Sandra, a gente vai acompanhando, porque, claro, assim como vocês falaram, a todo o momento chegam novas informações, os números mudam, e claro, a sensação aqui é de, ainda, perplexidade.



Figura 16 - *Stand Up* de Carolina Paes, dentro da Escola Raul Brasil.
Fonte: Globoplay

³¹ GATE: Grupo de Ações Táticas Especiais, grupamento policial de operações táticas especiais da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Carolina aparece novamente, ainda nos fundos da Escola, mas dessa vez entrando pelo portão, com os outros jornalistas. Ela explica que ficarão esperando a entrevista coletiva que será realizada naquele local. No momento em que Carolina, no meio do caos exibido na tela, entra na Escola, uma mulher a aborda e ela explica que está ao vivo. As aparições de Carolina foram as mais conturbadas da cobertura.

Carolina: (...) já estão começando a posicionar a imprensa, que vai participar como você disse aí, dessa coletiva. A gente tá ao vivo aqui.

No meio da cobertura, enquanto Donny De Nuccio discorre, sobre as discordâncias em relação ao número de vítimas do massacre, na tela o GC novamente aparece com o número: “10 pessoas mortas (..)”, o que implica numa ambiguidade audiovisual imensa, pois ao passo que o âncora narra uma determinada informação, os olhos do telespectador não conseguem acompanhar, uma vez que na tela o GC exemplifica a dificuldade de transmitir informações com poucos dados de apuração de fontes oficiais. Entretanto, o número agora é compatível com o número apresentado no GC: dez vítimas ao todo.

Sandra Annenberg, nos 34 minutos de cobertura, olha com uma feição séria para a câmera e atualiza o telespectador, de forma agressiva.

Sandra: Acabaram de divulgar a identidade dos dois assassinos, Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos. Ele faria 18 anos no dia 5 de julho. E também Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, faria 26 agora no dia 16 de março.

Aos quarenta minutos de transmissão Donny apresenta um convidado especial para ajudar nas apurações do telejornal, o jornalista César Tralli.

Donny: E Sandra, a gente recebe aqui no estúdio do Jornal Hoje nesta cobertura especial, o César Tralli, apresentador do SP1, repórter investigativo que todo mundo conhece e tá desde nesse caso apurando as informações, Tralli (..) Você tem mais detalhes sobre os assassinos?
Tralli: Pois, é. (..) A informação que eu tenho é que a polícia já conseguiu chegar às famílias dos dois assassinos. Nós temos fotos dos documentos deles. Esse é o menor de idade. (..) E esse é o Luiz Henrique Monteiro, de 25 anos.

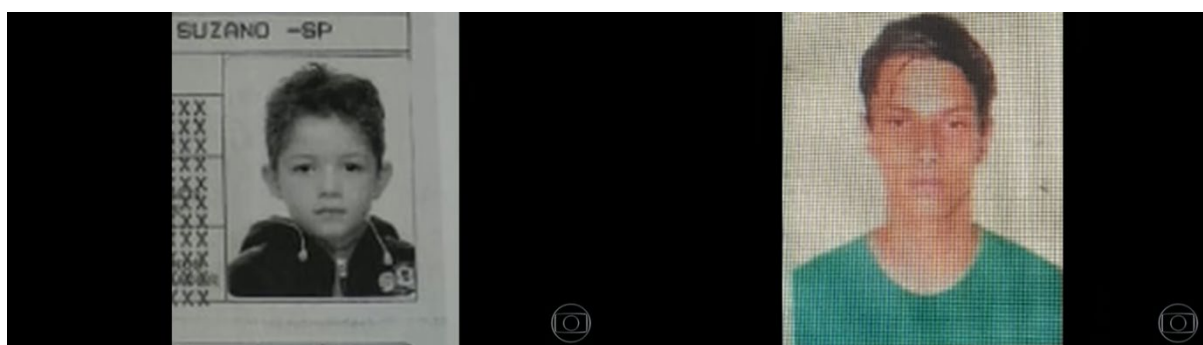


Figura 17 - À esquerda, um dos mentores do crime, menor de idade. E à direita o outro atirador Luiz Henrique Monteiro, de 25 anos.

Fonte: Globo Play / Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7452936/programa/>

Segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da FENAJ, em vigor atualmente, no capítulo II que diz respeito à conduta profissional do jornalista está inciso no artigo XI “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, *em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias*” (destaque da autora). Como se pode evidenciar neste diálogo acima, o jornalista César Tralli não divulga o nome do menor de idade, entretanto, é divulgada uma imagem do documento de Guilherme, porém com uma foto de criança. Logo após aparece uma foto atual de Luiz Henrique, de 25 anos, violando o Código citado acima. Além disso, logo após a fala de Donny e a revelação das imagens dos atiradores, a apresentadora exclama “vamos então rever a imagem dos dois assassinos”, enquanto as imagens são novamente exibidas na tela, Sandra completa “Este é Guilherme Monteiro, de 17 anos, essa é uma foto antiga e agora Luiz Henrique de Castro de 25 anos”.

Já no fim da cobertura é possível notar que as informações aumentam e os dados que não eram muito precisos, agora são. Depois da entrevista coletiva com o secretário de segurança pública de Suzano General Campos, e o comandante-geral da polícia militar, Marcelo Vieira, o repórter Bruno Tavares entra, ao vivo, da frente da casa dos jovens mentores do crime, que eram vizinhos.

Bruno Tavares: Eles moram bem perto aqui um do outro, a gente vê agora policiais aqui na porta no número 1089, também ali na frente, a duas casas eles moravam de distância, nesse momento peritos criminais, eles tão lá dentro fotografando e também apreendendo objetos. A polícia chegou aqui faz mais ou menos uns quarenta minutos que foi, também, exatamente o tempo que a gente chegou aqui. (...) esses são familiares e também um advogado

que representa a família. Agora há pouco eu conversei com eles e eles me disseram que estão à disposição (...)



Figura 18 - À esquerda o momento em que o repórter Bruno Tavares se direciona aos familiares de Luiz Henrique Monteiro. À direita a imagem com zoom aproximando os familiares.

Fonte: Globoplay. Montagem realizada pela autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia buscou compreender e investigar de que modo a edição especial do dia 13 de março de 2019, do programa Jornal Hoje, da Rede Globo, noticiou o massacre da Escola Estadual Professor Raul Brasil que ocorreu em São Paulo, no município de Suzano. O telejornal ficou no ar por quase 3 horas com uma intensa cobertura e várias atualizações de jornalistas dentro e fora do estúdio.

Na manhã do dia 13 de março dois jovens encapuzados invadiram a Escola Raul Brasil, localizada no centro do município de Suzano. Os jovens entraram no colégio realizando inúmeros disparos de arma de fogo contra alunos e funcionários da instituição. Pouco antes disso, um dos meninos abriu fogo contra o tio dentro da sua revendedora de automóveis, perto da Escola. Mais de 5 pessoas ficaram feridas e 10 morreram no massacre, incluindo os dois atiradores.

O massacre, que ocorreu por volta das 9 horas e 30 minutos da manhã, foi, pelo menos, o oitavo ataque a escolas registrado no Brasil. O atentado repercutiu internacionalmente e chocou os países que normalmente recebem este tipo de violência. Geralmente quando ocorre um atentado de terror, em qualquer lugar do mundo, surge o debate de como a mídia se comporta e de como os autores dos massacres esperam que os seus atos sejam noticiados, causando, deste modo, pânico na sociedade. A prática de terror atua de várias formas, impondo medo e causando a sensação de insegurança nos indivíduos. Tendo isso em vista, é desejável que a mídia não oculte este tipo de acontecimento da população, a fim de “minimizar” a ocorrência destes. Os jornalistas, por sua vez, têm a responsabilidade de informar, com cuidado, sobre o que ocorre no mundo e as práticas destes atos. Infelizmente, é algo que vem crescendo mundialmente e, cada vez mais, sendo pauta de diversos debates internacionais e nacionais acerca de segurança pública.

O programa Jornal Hoje foi escolhido para este trabalho, visto que na edição em questão o telejornal foi feito inteiramente em tempo real e majoritariamente ao vivo, o que só acontece em casos especiais, tendo em vista o histórico deste programa. Ademais, a edição foi feita, na sua totalidade, com repórteres no local da tragédia, e, por consequência, com inúmeras entradas ao vivo. O preparo para apurações era pouco, matérias não foram consolidadas - pois não havia tempo hábil para tal, e informações eram atualizadas em tempo real, ao longo da transmissão.

Além de tratar-se de um programa que é veiculado no começo da tarde, ou seja, relativamente perto da hora do ataque, pela emissora de maior audiência do Brasil.

A partir da análise realizada no presente trabalho, pelo método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), destacou-se a repetição exagerada de certas palavras e imagens, que ressaltam o fato de que nas circunstâncias presentes da transmissão do telejornal, tendo em vista a duração do mesmo, os profissionais precisaram retomar certos aspectos para que o novo telespectador conseguisse acompanhar a cobertura do JH. Entretanto, entende-se também, que algumas palavras utilizadas para designar os mentores do crime, tendo em vista o horário em que é veiculado o telejornal, foram aplicadas de forma indelicada, tal como “assassinos”, dita 60 vezes ao longo do programa. Apesar de não mencionarem nenhuma inverdade, as frases ditas, que contêm essa palavra, tornam-se pesadas para o telespectador.

É evidente a estratégia adotada pelo telejornal de organizar uma equipe de jornalistas e mobilizá-los para os principais focos de possíveis atualizações da tragédia. Uma equipe com mais de 10 repórteres foi enviada para locais próximos à escola na qual aconteceu o ataque ou para regiões próximas, como a loja de veículos do tio de um dos atiradores e os hospitais nos quais as vítimas foram atendidas. Além disso considerou-se relevante destacar alguns diálogos presentes no telejornal, visto que, em alguns deles, por exemplo, as perguntas por parte dos repórteres em referência aos familiares entrevistados é de extrema insensibilidade. Todavia, durante todo a transmissão do telejornal não houve uma vez que os jornalistas, surpreendentemente tenham se apropriado, nem por um minuto sequer, do sensacionalismo ou de posições antiéticas.

Durante alguns trechos da cobertura analisada foram gritantes as vezes em que os jornalistas exibiram comportamentos agressivos. Mas, somente em relação aos âncoras Donny De Nuccio e Sandra Annenberg e ao convidado César Tralli. No restante da transmissão, com as entradas ao vivo e os *Stand Up* os repórteres transmitiam as últimas informações sobre o ocorrido de forma neutra. Entretanto, em alguns momentos da edição especial em questão, alguns repórteres foram extremamente insensíveis com os familiares dos alunos da Escola Raul Brasil.

Por fim, a percepção da pesquisa, pela autora, foi relevante do ponto de vista acadêmico e jornalístico, promovendo um interesse ainda maior pelas coberturas “diferentes” do ponto de vista tradicional dos telejornais atuais. A capacidade de

transmitir um telejornal desafiador como o desta edição em que o tempo é curto para apurar as informações e que é preciso ter cuidado com a divulgação de certas notícias se faz crer no jornalismo moderno.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo da cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BECKER, Beatriz. **Mapeamento das pesquisas em Telejornalismo no Brasil: um estudo da produção acadêmico científica de 2010 a 2014**. Revista Famecos, Porto Alegre, 2015, V. 22, 2004.

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20534/134>

83> Acesso em: 24 de ago. de 2019.

BEDENDO, Ricardo. **Segurança Pública e Jornalismo: Desafios conceituais e práticos no século XXI**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

BELLI, Benoni. **Tolerância Zero e democracia no Brasil: visões de segurança pública na década de 90**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CARMO, Sônia Irene S. do. **Importância e alcance da televisão nos processos eleitorais**. Revista Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 3, n. 5, p. 65-73, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3984>> Acesso em 22 set. 2019

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em 18 set. 2019

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). 2007. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>> Acesso em 18 set. 2019

ECO, Umberto. **Teve**: A transparência perdida. In: ____ Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

EMERIM, CAVENAGHI. Beatriz; Cárilda. **Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais**. ANAIS do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor. Curitiba (PR), 2012.

FAHLE, Oliver. **Estética da Televisão: Passos rumo a uma teoria da imagem da televisão**. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs). Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p.190-208.

FECHINE, Yvana. **Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal**. Televisão: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para a sua delimitação teórica**. 2003. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:
<<https://www.repositorio.ufs.br/bitstream/riufs/1871/1/AtualidadeJornalismoDelimitacao.pdf>> Acesso em 06 set. de 2019.

GUARESCHI, P. (2000) **Sinais de um novo paradigma** In: R. H. Campos e P. Guareschi (Orgs) Paradigmas em Psicologia Social — A perspectiva Latino-Americana. (p.207-221) Petrópolis: Vozes.

HAGEN, Sean. **A EMOÇÃO COMO COMPLEMENTO À OBJETIVIDADE NA IMAGEM DOS APRESENTADORES DE TELEJORNAL**. In: XVII ENCONTRO DA COMPÓS, 2008, São Paulo. Uma análise do processo de fidelização do telespectador [...]. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em:
<http://www.compos.org.br/data/biblioteca_376.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

JUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: Algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, São Paulo, ano 2014, v. 7, ed. 2, p. 117-137, 2012. Disponível em:
<<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Jornal Hoje - Edição de quarta-feira, 13/03/2019. Globoplay. Disponível em:
<<https://globoplay.globo.com/v/7452936/programa/>> Acesso em 01 nov. de 2019.

JORNAL HOJE - FICHA TÉCNICA. Memória Globo. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/ficha-tecnica.htm>> Acesso em 01 out. 2019

KARAM, Francisco. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KOSOVSKI, E. (Org.). **Ética na comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

LUGÃO, Ana Luiza. **Jornalismo sensacionalista: o programa Brasil Urgente em cena**. Centro Universitário de Brasília, 2010. Disponível em:
<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1846/2/20377680.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019

MACHADO, Arlindo. **A TV levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A TV levada a sério**. 6ª Edição. São Paulo: Senac, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão a vida pelo vídeo**. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

MARIANO, Benedito Domingos. **Por um novo modelo de polícia no Brasil: a inclusão dos municípios no sistema de segurança pública.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”:** O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORAES, Benedito Aparecido Rodrigues Lisbano. **Vamos “AO VIVO”!**: Uma análise do imprevisto no discurso da reportagem em tempo real na TV. 2014. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) - Faculdade Cásper Líbero, [S. l.], 2006. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Vamos-%E2%80%9CAO-VIVO%E2%80%9D.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2019.

MOTTA, Juliana; RUBLESCKI, Aline. **Cobertura ao Vivo em Televisão: o Improviso e o Testemunho em Situações de Tragédia.** Artigo apresentado no V SIPECOM. Santa Maria: UFSM. 2019. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/poscom/wp-content/uploads/sites/513/2019/05/Motta-Rublescki-V-Sipecom.pdf>> Acesso em 18 set. 2019

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. São Paulo: GEN LTC, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Edna de Mello (Doutora). **As imagens do Telejornal Imagens do Dia:** a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro, 2011, Guarapuava (PR). Tocantins: 2011. p. 1 - 14.

SOARES, Luiz Eduardo. “Novas Políticas de Segurança Pública”. **Estudos Avançados**, 17, 47: 75-96, 2003.

SOBRINHO, Danilo Angrimani. **Espreme que sai sangue:** Um estudo sensacionalista na imprensa. São Paulo: Summus, 1995